

# CAPITÃS DE CONGADAS: ATUAÇÃO DE LIDERANÇAS FEMININAS NA FESTA DE REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SANTO ANTÔNIO DO MONTE (MG)<sup>1</sup>

*CONGADAS LEADERS: WOMEN'S LEADERSHIP IN REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO FEAST, IN SANTO ANTÔNIO DO MONTE (MG)*

**Francimário Vito dos Santos<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

## RESUMO

O artigo tem como objetivo refletir sobre a participação de mulheres capitãs de congadas no contexto da festa de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, em Santo Antônio do Monte (MG). O reinado ou congado é uma manifestação religiosa que possui características afro-brasileiras, introduzida no Brasil colônia pelos negros escravizados. A festa de reinado reencena a coroação de Nossa Senhora por meio do coroamento de reis e rainhas congos, perpétuos e festeiros. A presença de mulheres líderes de congadas ocorre a partir do início de 2000. Até então, as funções ocupadas por elas se restringiam aos trabalhos domésticos necessários à realização dos festejos, atuando nos bastidores da celebração. Nas ruas, com exceção das bandeireiras (guias de ternos de congadas), as mulheres acompanhavam as congadas, por fora, nunca dançando ou cantando em louvor aos santos, como fazem os capitães. A pesquisa realizada compõe-se de observações participantes durante os festejos e entrevistas com as capitãs. O estudo mostrou que a luta dessas mulheres é antiga, algumas desde muito jovem, e que a maioria teve incentivos de parentes que eram capitães. No entanto, não basta chegar ao posto, a luta para se manter no cargo é uma constante e perpassa as relações de poder entre elas e os capitães.

**Palavras-chave:** Festa de reinado; Capitãs de congadas; Relações de poder; Santo Antônio do Monte (MG).

## ABSTRACT

The article aims to reflect on the female Congadas leaders' participation in Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia *Feast* in Santo Antônio do Monte, state of Minas Gerais, Brazil. Reinado or Congado is a religious manifestation that has afro-Brazilian features brought to colonial Brazil by enslaved black people. The Reinado Feast enacts Our Lady crowning through Congo kings and queens, perpétuos (lifelong positions passed through generations), and festive leaders crownings. The presence of female Congada leaders took place after the beginning of the 2000s. Until then, the positions occupied by women



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

were restricted to backstage domestic services necessary for the pursuit of the Feast. On the streets, except for the *bandeiras* (female Congadas groups guide), women followed the Congadas from the outside, never dancing or singing in praise of the saints, as Congada captains do. This research is composed of participant observations during the Feasts and interviews with the female captains. The investigation has shown the fight of these women is ancient, some of them since their youth, and most of them were encouraged by Congada captain relatives. Nevertheless, occupying the leading position is not enough: the fight to remain in the Leading position is constant and goes through the power relations between the women and the Congada captains.

**Keywords:** Reinado Feast; Congadas leader; Power relations; Santo Antônio do Monte (MG).

## INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a participação de mulheres na posição líder de congadas durante os festejos de reinado em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, realizados em Santo Antônio do Monte (MG), denominação que dá a algumas mulheres a posição de capitãs de congadas.

Localizada no centro-oeste mineiro e na microrregião do Vale do Itapeçerica, a 190 quilômetros da capital Belo Horizonte, o município possui uma população de 25.975 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2010. A principal atividade econômica do município é a indústria de fogos de artifício, conhecida como fábrica de foguete, seguida do comércio. Tal atividade atribui à cidade o título de terra dos fogos; em 1972, foi considerado principal polo pirotécnico da América Latina com 22 indústrias em operação.

Os festejos de reinado como uma festividade popular e religiosa são fatos sociais complexos no sentido maussiano, pois agenciam um conjunto de significados e práticas relacionado à vida social dos indivíduos (estético, político, religioso, jurídico, familiar, econômico, moral etc.). Parte desse movimento é observado nas dinâmicas internas da celebração por meio dos processos que envolvem múltiplas interações entre os grupos, doações e vínculos estabelecidos com a comunidade reinadeira, as instituições e os santos.

A festa de reinado relaciona-se aos ritos que homenageiam os santos negros e recebem várias denominações no Estado de Minas Gerais, tais como festa de congada, congado e reinado. O brinquedo, como assim também é chamado pelos congadeiros e pelas congadeiras, é uma celebração que representa o mito de coroação de Nossa Senhora do Rosário e, ao mesmo tempo, o coroamento dos reis e rainhas congos, perpétuos e festeiros. A festa acontece durante quatro dias e é composta de diversos ritos, como oferecimentos de cafés da manhã, almoços e jantares no galpão da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, visitas

das congadas aos integrantes da corte e devotos, missa conga, coroamento dos reis e rainhas e cortejos.

As personagens reis e rainhas festeiros são essenciais para a sobrevivência do reinado. São eles os principais patrocinadores das comidas (cafés da manhã, almoços e jantares) oferecidas à congadas durante os dias de festejos. De acordo com Gomes e Pereira (1998), a escolha dessas personagens é um processo comum da religiosidade popular no Brasil, pois funciona como mecanismo de captação de recurso material utilizado pelas pessoas de camadas social baixa para diminuir as dificuldades de financiamento de suas festas.

Historicamente, o reinado em Santo Antônio do Monte é marcado por eventos de descontinuidade e apagamento seletivo motivados por intervenções e proibições engendradas pela Igreja Católica. Conforme observou Borges (1997), o reinado na cidade surge na segunda metade do século XIX, e era celebrado pela população negra na primitiva capela dedicada à Nossa Senhora do Rosário, local onde foi reerguido posteriormente o atual templo em homenagem à santa. As transformações ocorridas ao longo das décadas que marcaram a trajetória das congadas na cidade, conforme foram discutidas por Santos (2020), são indispensáveis para compreender os percalços históricos e sua importância enquanto principal evento popular, festivo e religioso dos santo-antonienses. Alguns episódios podem ser classificados como negativos, como a proibição do reinado ocorrida período de 1948 e 1960, por ordem do bispo Dom Cabral, em cumprimento à encíclica *Ubi Arcano* (1922) de Pio XI, que pregava cuidar da vida espiritual dos católicos (Leonel, 2009).

Com a retomada do reinado e recomposição das congadas em 1961, as comemorações aos santos reacenderam e continuam sendo celebradas até os dias de hoje. Segundo os relatos orais de congadeiros mais velhos, embora o reinado fosse proibido na cidade, ele continuou sendo celebrado em algumas localidades rurais, como na comunidade Coqueiros, onde viveram os irmãos congadeiros Geraldo (100 anos), Otaviano (96 anos) e Fiím (89 anos)<sup>2</sup>. Como não há documentos escritos sobre o reinado antes do reinício dos festejos, como atas da irmandade por exemplo, o único meio foi recorrer às narrativas de pessoas mais velhas, ainda vivas, que vivenciaram o festejo nessa época. Algumas, inclusive, não se lembravam do reinado dos outros tempos. Embora, os depoimentos orais sejam fundamentais para afirmar a longa trajetória dos festejos cujas origens remontam há aproximadamente dois séculos, os únicos registros escritos de que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dispõem (atas de reuniões) foram produzidos a partir os primeiros anos da década de 60.

As primeiras atas das reuniões da irmandade, produzidas a partir do recomeço do reinado mostram os esforços dos organizadores, inclusive com forte participação de membros da igreja que reforçam a manutenção e atribuições de alguns personagens seguindo a classificação por sexo. Ou seja, aos homens, cabe a função de brincar reinado na rua na condição

de capitão de congada (cantar, dançar e louvar os santos), às mulheres, o trabalho doméstico, vinculado ao preparo das comidas reinadeiras oferecidas aos congadeiros e devotos, e a confecção das vestimentas (fardas dos dançadores e enfeites das túnicas dos reis e rainhas). Nas ruas, elas podiam exercer apenas as funções rainhas, bandeireira e esmoleira.

Alguns elementos festivo-religiosos do reinado ainda mantêm aproximação com a sua estrutura tradicional, como calendário de quatro dias de festas (quinta-feira a domingo), com início em meados do mês de julho, o rito de hasteamento, visitas dos congadeiros aos reis e rainhas, procissões, pagamento de promessas e descimento das bandeiras dos santos. No entanto, a partir de um olhar atento e crítico, observei algumas aberturas nos festejos da cidade nas últimas décadas. Refiro-me à participação de mulheres nas funções de dançadoras de reinado e de capitães de congadas, objeto de reflexão deste artigo.

A entrada das mulheres nos espaços públicos do reinado, que foram, por muitos anos, ocupados apenas por homens (capitães), configura um novo giro no curso da festa. Trata-se de um processo lento, gradual e contínuo marcado pelas lutas das mulheres para assumirem outras posições no festejo que não somente as atividades restritas ao contexto doméstico, como o preparo das comidas, a costura das fardas e a ornamentação dos altares e bandeiras dos santos. A atuação delas nos espaços públicos se restringia a acompanhar os cortejos e assistir às apresentações das congadas. Provavelmente, conforme os depoimentos de alguns congadeiros, o protagonismo da mulher atuando na posição de dançadora de reinado aconteceu a partir do final da década de 1970. No entanto, é apenas a partir de 2000 que elas conquistam o direito de comandar grupos e participar da festa na função de capitã. Até o ano de 2019, quando realizei a pesquisa de campo, havia, em Santo Antônio do Monte, 23 ternos de congadas, sendo quatro liderados por mulheres.

As reflexões apresentadas aqui sobre a atuação de mulheres líderes de congadas contaram com a colaboração das atuais capitãs em atividade no reinado de Santo Antônio do Monte que são: Janaína Oliveira, 33 anos, casada, da Congada Meninas do Rosário; Graciele Camargos, 30 anos, casada, da Congada Filhas de Maria; Aparecida Ferreira (Tida), casada, 41 anos, da Congada Rosário de Maria; Aparecida Camargos, viúva, 66 anos e Viviane Ferreira, solteira, 23 anos, respectivamente mãe e filha, líderes da Congada São Benedito. Além das capitãs citadas, contribuíram com a pesquisa a ex-dançadora Neiva Aparecida Amaral, casada, 38 anos; os irmãos congadeiros Geraldo Sousa, Otaviano Sousa, Antonio Sousa (Fiím); e o capitão Eustáquio Anésio da Silva (Tostão).

As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2017 e 2018. Como guia do processo de diálogo, utilizei um roteiro orientador com questões semiestruturadas, que objetivava compreender as histórias de vida dessas mulheres, a iniciação na congada, as vivências com os capitães congadeiros e os desafios enfrentados para permanecer no comando de grupos.

Escolhi abordar a atuação das mulheres líderes de ternos de congadas no contexto da festa de reinado por entender que o tema é relevante para as atuais discussões antropológicas, pois, além de dar visibilidade a elas, permite, ainda, estabelecer uma discussão sobre as relações de poder no contexto das festividades religiosas envolvendo a atuação de homens e mulheres em cargos de lideranças. A discussão sobre a presença de mulheres em espaços tradicionalmente permitido apenas a homens enriquece qualitativamente as reflexões sobre o reinado não apenas como festividade religiosa mas, também, como um campo político engendrado por múltiplos agentes. Se, por um lado, a participação das mulheres no brinqueado contribui para ressignificar as estruturas rígidas do reinado, por outro, pode causar em alguns congadeiros atitude de desconfiança e descrédito de alguns. No entanto, a conquista de novas posições assumidas, por mulheres dentro do festejo, é resultado de uma luta histórica e sua importância reside em mostrar para as gerações atual e vindoura de congadeiros e congadeiras que o lugar da mulher no reinado tanto pode ser nas atividades tradicionais, que inclui o preparo das comidas reinadeiras e a costura de fardas dos dançadores da família, como na função de líder de grupo de congadas.

## AS MULHERES NO REINADO: TRAJETÓRIA, LUTA E UM GIRO PELA LITERATURA

O reinado é uma festividade religiosa popular com referência à memória histórica das pessoas negras escravizadas e à devoção aos santos reinadeiras. Em alguns ternos de congadas, como é o caso do moçambique, tais características são evidentes nas performances dos dançadores e dançadoras, batidas dos tambores e cantos em louvor à Nossa Senhora do Rosário, considerada protetora dos escravos. As narrativas a respeito do mito fundador da festa, proferidas pelos congadeiros, atribuem ao moçambique a proeza de convencer a santa a sair da gruta e se fixar no interior igreja. Tal feito, segundo afirma Neves (2012, p. 30), fundamenta o discurso dos reinadeiras de que “o terno de moçambique é o preferido de Nossa Senhora do Rosário”. No geral, conforme observei na pesquisa, os moçambiqueiros seguem uma postura diferenciada dos demais grupos de congadas existentes na cidade. Eles costumam usar fardas nas cores branca e azul, pois, segundo os seus integrantes, remetem às cores do manto de Nossa Senhora. Também é comum usarem lenços na cabeça e rosários cruzados na altura do peito.

No que tange às performances dos demais tipos de grupos (catopé, congo e vilão), maioria em Santo Antônio do Monte hoje, que costumam usar fardas coloridas com adornos com enfeites brilhantes, observa-se que há duas vertentes: aquelas que exaltam a memória e a identidade dos ancestrais nas cantigas e danças, a exemplo da Congada do Pião, criada na comunidade rural do Diamante, composta por dançadores e

dançadoras, portanto considerada uma das mais antigas em atividade na cidade, bem como os ternos de moçambique; e a maioria que expressa sua devoção à Nossa Senhora baseada na evangelização a partir dos preceitos da religião católica.

Apesar das congadas, que são maioria, continuarem usando tambores (caixas), sanfona e pandeiro como principais instrumentos de percussão, as cantigas de reinado são versões adaptadas de hinos católicos cantados por padres midiáticos e cantores sertanejos. As mulheres capitãs que colaboraram diretamente com este artigo comandam congadas do tipo catopé, maioria na cidade, que segue a linha evangelizadora do culto à Maria, conforme os preceitos da religião católica. Se, por um lado, o reinado se distanciou de suas raízes ancestrais no sentido de rememorar e reconhecer as contribuições da população negra escravizada, por outro, se aproximou da classe economicamente abastarda e branca da cidade. Atualmente, o reinado reúne, na sua organização e realização reis e rainhas festeiros, a maioria oriunda desse estrato social, que por meio dos pagamentos de promessas patrocinam as comidas oferecidas aos congadeiros e congadeiras nos dias de festas. Devotos e devotas com condições econômicas inferiores também conseguem fazer suas promessas e pagá-las. É o caso de uma congadeira cuja profissão é manicure que realiza consórcio de dinheiro mobilizando sua rede de amizades e clientela, com objetivo de pagar sua promessa à santa.

Por sua vez, o reinado em Itapeçerica, município vizinho, apresenta algumas características na performance que permitem refletir sobre a continuidade do reinado a partir dos elementos históricos e identitários que são engendrados e rememorados a cada edição da festa. É de costume homenagear a ancestralidade negra e uma personagem da história oficial do Brasil que teve participação na libertação dos escravos como a Princesa Isabel. A exaltação à figura da princesa é central no festejo. Os pesquisadores Viana e Rios (2016), na obra *Na Angola tem: Moçambique do Tonho Pretinho*, abordam a permanência dos costumes ancestrais e continuidade histórica do grupo nos dias atuais. Para os autores, essa tradição, esses ritmos e esses sentidos dos cantos, embora ligados à memória ancestral que os reconecta com a África, se atualizam em cada edição da festa, que celebra as forças, ancestrais, entidades e divindades africanas e afro-brasileiras e os santos católicos.

Portanto, se por um lado, o reinado santo-antoniense por meio da irmandade se abriu para atender às reivindicações das mulheres para ocuparem cargos e posições até então permitidas apenas aos homens, por outro, pouco difunde a memória dos negros e negras que instituíram os festejos em louvor dos santos patronos da festa.

De acordo com os irmãos congadeiros Geraldo, Otaviano e Fiím, moradores antigos da cidade, nem sempre as mulheres estiveram à frente de grupos na posição de capitãs, a função era permitida apenas aos homens. Tal narrativa contrastava com o atual contexto da celebração,

em que as mulheres não apenas dançam reinado, mas ascenderam ao posto de capitãs de ternos de congadas. Há algumas décadas, o comum era que elas ocupassem cargos de rainhas perpétua, conga e festeira, de princesas ou guias de bandeira (bandeireiras). Fora isso, com já mostrei, restava a elas executar tarefas circunscritas aos espaços domésticos da festa. Embora sejam atividades vitais para a manutenção do brinquedo, a participação da mulher no que diz respeito à visibilidade pública não era a mesma que se dava às funções desempenhadas pelos homens. Eles sempre estiveram e continuam atuando no público (na rua), interagindo diretamente como os devotos/as e simpatizantes dos festejos dançando, rezando e improvisando versos cantados. Já as mulheres que foram, por muitos anos, ensinadas a se manterem nos bastidores da festa, sem estabelecer conexão direta com o grande público, há poucos anos conquistaram por meio de lutas, o direito de ocupar posições de poder na estrutura do reinado.

A função de capitão de congada é um dos postos mais importantes do reinado, uma vez que “compete a ele o poder do canto, da união de todos e da manutenção dos elos do rosário” (Viana; Rios, 2016, p. 47). Trata-se de uma posição de poder tradicionalmente naturalizada como sendo exclusiva aos homens, e que, a partir das transformações e desconstruções ocorridas ao longo dos anos no brinquedo, vem sendo ocupada por mulheres. As reflexões empreendidas por Bourdieu (2012), acerca da dominação masculina contribui para pensar criticamente o contexto as relações de poder existentes nos espaços do reinado, envolvendo homens e mulheres. Nesse sentido, Bourdieu (2012, p. 45) afirma que

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus.

Segundo Rubin (1993), cria-se duas categorias dicotômicas (feminino e masculino), mas o que está em jogo são categorias de poder. No reinado, o poder dado aos homens para assumirem determinadas posições de destaques, como cargo de capitão de congada, começa ser desnaturalizado a partir do momento que algumas mulheres também passam a ocupar o mesmo posto. Chegar à liderança desses espaços demandou um longo processo histórico de lutas, iniciado por outras mulheres. Contrariamente, o simples fato de “ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do ‘é evidente por si mesma’, sem discussão” (Bourdieu, 2012, p. 63).

Partindo do princípio de que as festas são fenômenos complexos, considerados fatos sociais totais, no sentido maussiano, constituídos por dimensões religiosas, econômicas, jurídicas, morais, políticas, familiares etc., algumas interfaces se evidenciam como sistemas de opressão, tais

como classe, sexo e raça, interagindo para produzir e reproduzir as desigualdades sociais. Ou seja, não é possível abordar a condição feminina, seja de protagonismo ou não, sem considerar a interdependência das relações de poder.

Para González (2020), o feminismo não apenas revelou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, mas também desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher, que é o caso das congadeiras ao ocuparem os postos de capitãs. Uma nova mulher, que luta para assumir tradicionais espaços da festa que suas ancestrais não tiveram direito. Conforme mencionou Araújo (2010, p. 1),

O feminismo pode ser definido como a defesa de direitos iguais para mulheres e homens, acompanhado do compromisso de melhorar a posição dos membros na sociedade, pressupondo, portanto, uma condição de desigualdade, seja esta concebida como dominação masculina, essa desigualdade tem efeitos sociais e políticos na diferença sexual.

As reflexões produzidas pelos estudos feministas ajudam a compreender as relações de poder entre homens e mulheres no reinado e a desvendar os motivos pelos quais somente os homens, ocupantes do cargo de capitão de congada, possuíam o direito de desfrutar da visibilidade pública e apresentações públicas, enquanto as mulheres, não. Observa-se, portanto, a presença do poder tradicional (Weber, 1981), centrado na figura do patriarca operando no processo de dominação sobre as mulheres. Quando a capitã Tida enfatiza que “tem homem na minha congada, mas quem manda nela sou eu” (Informação verbal, julho/2017), na verdade, mesmo sem integrar grupos feministas que defendem a igualdade de direitos entre homens e mulheres, ela se utiliza de parte desse discurso de poder para legitimar sua luta e atuação na congada.

O reinado é uma manifestação cultural e devocional afro-brasileira, que reúne uma parcela significativa da população pobre formada por congadeiros, congadeiras, devotos e devotas e simpatizantes dos festejos, que nos últimos anos vem reconhecendo as reivindicações das mulheres que lutam para ocupar o posto de capitã. Notadamente, as festividades em homenagem aos santos integram questões sensíveis que requerem amplo debate, como diferença de classe, raça e relações de gênero. Como a festa não é somente divertimento, é muito mais que isso, ela também evidencia problemas interligados que exacerbam as desigualdades sociais. A interseccionalidade é uma estratégia que evita valorar uma questão em detrimento de outra, pois, conforme afirma Hirata (2014, p. 67), “é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e embricadas, e portanto como um instrumento de luta política”.

Durante minhas observações, acompanhei o trabalho das mulheres e homens na cozinha do salão da irmandade no preparo das comidas reinadeiras (tutu de feijão, arroz branco, pelotas de carne, frango e

macarrão). Foram quatro dias de trabalho etnográfico, com início às 4 horas e término às 22 horas. Por dia, incluindo o almoço e o jantar, foram preparados aproximadamente 1.600 quilos de alimentos para servir 4.000 refeições a congadeiros, congadeiras e convidados. Apesar de haver alguns homens na cozinha, a exemplo de Luiz do Tutu (falecido em 2019) e Silvério, especialistas no preparado do tutu de feijão, as mulheres são o maior número. Além dos homens, algumas mulheres também são consideradas cozinheiras especialistas. É o caso de Ção do Arroz, que demonstra sua devoção aos santos a partir da preparação do alimento. Isso evidencia que, apesar de algumas mulheres terem conseguido ocupar a mesma posição que os homens ocupam na estrutura da festa, muitas delas ainda atuam no contexto privado. No entanto, já se observa novas fendas para pensar o reinado um pouco mais diverso.

Ao longo dos anos, gradativamente, as mulheres foram ocupando outros espaços e posições no reinado, antes negado às suas ancestrais. Essa luta garantiu o direito de escolher outras formas de prestar homenagem aos santos atuando na função de líder de congada. Conforme afirma Soares (2009, p. 44), “a iniciativa dessas mulheres mostra a mudança na participação dela para uma dimensão de conquista de poder”.

A pesquisa de campo etnográfica com congadeiros e congadeiras evidenciou que a abertura para a participação de dançadoras de reinado nos ternos de congadas começou entre as décadas de 1970 e 1980. Quando questionei sobre o assunto, alguns/mas colaboradores/as mais antigos foram apresentando pistas sobre a existência de quais foram as primeiras mulheres dançadoras de reinado da cidade. O senhor Tostão, 67 anos, capitão da congada que recebe seu nome, fundada em 1976, afirmou que o primeiro terno a permitir a participação de mulher dançadeira foi a Congada de Zé Alexandre, em 1978. A jovem Luquinha, filha de Chico Sabino, na visão dos congadeiros teria aberto o caminho para que outras mulheres se inserissem nos grupos como dançadoras. O capitão acrescentou que, em 1979, permitiu que a jovem Marlene, filha de Zé da Cana, dançasse no seu terno.

Depois desses feitos, aos poucos, outras congadas foram cedendo à participação de mulheres para além do cargo de guia da bandeira do santo (bandeireira). Em diálogo com os congadeiros da cidade, soube da existência da Congada de Docilino criada na década de 80, e que recebia o nome de seu idealizador. O grupo contava com a presença de mulheres atuando nas funções de dançadoras e de capitãs de congadas. Uma das participantes foi Neiva Aparecida Amaral, que exerceu a função de capitã da extinta congada. O ex-congadeiro foi precursor no reinado ao permitir a participação de mulheres na linha de comando da guarda. A congada foi extinta no final da mesma década com o falecimento do seu líder.

Embora o episódio seja um marco histórico para pensar a posição da mulher no festejo, a função de capitã de outrora difere da realidade atual. As capitãs de hoje possuem autonomia para comandar seus/suas

dançadores/ras e representá-los junto à diretoria da irmandade. Naquela época, contou Neiva, por mais que existisse a figura da capitã, era o senhor Docelino que dava as coordenadas. As mulheres se responsabilizavam apenas pelas performances, ou seja, as danças e cantigas. As questões burocráticas realizadas junto à diretoria como participação em reuniões, eleições etc., ficavam a cargo apenas dos capitães homens. Não é como as atuais capitãs, que além de participarem de todos os compromissos formais, cuidam da organização de sua congada, ressaltou a entrevistada.

Observa-se, a partir desse momento, conforme também foi constatado por outras pesquisadoras que refletiram sobre o tema em outros contextos, “uma transição da mulher dos bastidores da festa para outros postos de maior visibilidade” (Soares, 2009, p. 14), que culmina com o acesso de algumas congadeiras ao posto de capitã. Como expus, em Santo Antônio do Monte, até o início de 2000, o cargo de líder de congada não era ocupado por mulheres. A partir desse período é criada e registrada na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a primeira congada liderada por mulheres, denominada Meninas do Rosário, comandada pelas congadeiras Janaína e Lucélia. A ocupação de desse e de outros espaços e posição do reinado não acontece sem conflitos. Percebe-se nos relatos das entrevistadas a existência uma certa vigilância sobre sua conduta moral e competência controle que, segundo elas, não acontece com os capitães.

Gomes e Pereira (1988) ao analisar a festa de reinado da Comunidade os Artures, em Minas Gerais, refletem sobre as transformações das funções desempenhadas pelas antigas e atuais mulheres. Os autores observaram que hoje a mulher deixa as atividades na comunidade e se dirigem para as áreas urbanas para trabalhar como empregadas domésticas, em casas de famílias nas cidades de Contagem e Belo Horizonte. Outras assumem funções em fábricas de peças e acessórios e de cozinheiras em escolas. No entanto, “o fato de desempenhar uma função fora do grupo não impede que a mulher nos Arturos vivencie as tradições aprendidas” (Gomes; Pereira, 1988, p. 144), pois, a cada edição da festa, são elas que organizam e preparam os banquetes nos moldes dos ensinamentos recebidos de suas ancestrais. Observa-se, com isso, outras lutas realizadas por mulheres, sobretudo no campo das relações de trabalho, mas não no sentido de assumirem a função de capitã, como ocorre no contexto do reinado que abordo.

A realidade das capitãs de congadas santo-antonienses, em alguma medida, dialoga com o contexto de mulheres negras da Comunidade dos Arturos. Em ambos os casos, elas tiveram vivências intensas com familiares (avós, pais, mães e vizinhos), envolvidos nos processos de elaboração e realização dos festejos de reinado –, pais na posição de capitão de congada, mães mestras de comidas reinadeiras, costureiras e bordeiras. Menciona-se, ainda, no caso das interlocutoras, o entusiasmo que as motiva a continuarem lutando para ocupar outros espaços na estrutura do reinado. A devota de reinado e voluntária da cozinha do salão, Abigail

(Biga), 66 anos, filha do falecido capitão João Antônio, contou que já criança era envolvida nas atividades do reinado. Segundo ela, todas as mulheres da família se mobilizavam, alguns meses antes da festa, para confeccionar e enfeitar as fardas dos congadeiros da família. Situação semelhante acontecia durante o auge do reinado com os preparativos dos banquetes servidos aos congadeiros, cujo abate dos animais acontecia semanas antes. Como nessa época ainda não existia o salão do reinado, local onde é preparado e servido os banquetes coletivos nos dias de festa, a comida era servida na casa dos próprios capitães. Hoje, ela e o marido Silvério, participam do reinado ajudando nos preparos das comidas, saberes tradicionais recebidos das mulheres de sua família.

Na contemporaneidade, a produção científica sobre os festejos de reinado no Brasil é fértil e diversificada. Em especial, a partir dos anos 2000, vários pesquisadores oriundos da antropologia e da sociologia produziram (e continuam produzindo) reflexões acerca do tema, que são significativas para ampliar as discussões sobre as festas de reinado.

Na publicação *Imaginário, cotidiano e poder*, Vagner Gonçalves da Silva (2007), discute criticamente as dinâmicas dos festejos de reinados. Nela, o autor reflete sobre relação entre poder envolvendo raça, devoção e mito, com destaque a personagem Chico rei, responsável por introduzir a festa de reinado em Minas Gerais. Outros estudos mais contemporâneos discutem a presença de mulheres em posição antes assumidas por somente por homens. Patrícia Trindade Maranhão Costa (2012, p. 143), ao pesquisar o reinado da Serra do Salitre (MG), afirma que “dentre as várias alterações ocorridas na tradição da congada, considero a emergência gradual das mulheres na liderança publicamente reconhecida do terno, a mudança mais significativa”.

Outras contribuições significativas envolvendo a presença de mulheres nos cargos de comandos de congadas, são produzidas por Soares (2009; 2016) no contexto do reinado em Minas Gerais. O foco das discussões se concentra na história de mulheres que vivem o reinado em Belo Horizonte e Oliveira (MG). Porém, no geral, observei que há pouca produção acadêmica que debatem o papel da mulher em posição de liderança de congadas ou em cargos de visibilidade pública, que tradicionalmente são ocupados apenas por homens. Inclusive, esta constatação também é pontuada por Soares (2009) no seu contexto de pesquisa. Portanto, aqui reside minha contribuição à antropologia, ou seja, apresentar o debate sobre as lutas e histórias de mulheres que ocupam o cargo de capitãs de congada no reinado em Santo Antônio do Monte.

No que diz respeito às minhas interlocutoras, observei que todas tiveram vivências intensas com familiares congadeiros/as e devotos/as, daí o surgimento dos afetos pelo reinado. No entanto, no campo profissional, elas ocupam funções variadas. A capitã Tida é operária de fábrica de foguete e dona de casa, Viviane é advogada, Aparecida é aposentada, dona de casa e artesã de tamborim<sup>3</sup>, Graciele é servidora pública e dona

de casa e, Janaína, dona de casa. Com trajetórias e profissões diferentes, no reinado, o elo que as unem é o posto de capitã e as relações de parentesco, comum nesse tipo de festejo. Por exemplo, Aparecida além de ser mãe de Viviane, é irmã do capitão Nego, pai de Gracielle. A seguir, reflito sobre os caminhos e percalços enfrentados (e que persistem), pelas capitãs até ocuparem a posição de líderes de congadas.

## MULHERES CONGADEIRAS: DOS BASTIDORES DO REINADO AO POSTO DE CAPITÃ DE CONGADA

A partir das observações realizadas nas festas de reinado, percebi que a maioria dos postos de liderança de ternos de congadas era ocupado por homens. Dos mais de vinte ternos de congadas existentes em Santo Antônio do Monte, apenas quatro são atualmente liderados por mulheres. A Congada Meninas do Rosário, criada em 2003, sob o comando das capitãs Janaína e Lucélia; a Congada Filhas de Maria, em 2006, liderada por Gracielle; a Congada Rosário de Maria, em 2016, da capitã Tida; e a Congada São Benedito, em 2018, fundada pelas capitãs Aparecida e Viviane.

Tais evidências permitiram-me fazer os seguintes questionamentos: sempre foram os homens a assumirem o posto de capitão? Quais foram os caminhos percorridos pelas atuais até chegarem ao posto de capitã? Como elas passaram a ser vistas depois de se tornarem capitãs? Como elas se percebem enquanto líderes de grupo? Sentem-se cobradas pelo fato de serem mulheres capitãs por parte da irmandade e da comunidade? Como as mulheres conciliam o trabalho doméstico, a função de mãe, trabalhadora assalariada e o posto de capitã? Enfim, são inquietações que apresento para discutir a função de capitã de congada, que algumas congadeiras passaram a ocupar com o passar dos anos, durante a festa de reinado.

Conforme já mencionei, para atuar nos ternos de congadas durante os compromissos realizados na rua, era permitida a participação de mulheres apenas na função de bandeireiras ou esmoleiras. Fora isso, “cabia a elas exclusivamente o cuidado com os uniformes e com a alimentação dos congadeiros antes da performance” (Costa, 2012, p. 143).

As personagens da corte real, embora desfilem pelas ruas em momentos estratégicos, como os cortejos, e desempenhem um lugar de destaque no festejo, não usufruem da mesma visibilidade e autoridade que é dada aos capitães de ternos. Eles são responsáveis pelas performances públicas realizadas durante a festa, como a criação de versos e rimas das cantigas (toadas) para homenagear os membros da corte, visita aos devotos/as, rezas, harmonização das vozes e instrumentos de percussão, bem como a vigilância sobre a conduta moral de seus dançadores. De acordo com Bento (2008), o capitão de qualquer terno é o responsável pelas determinações que afetam todo o conjunto de dançadores. Ele é a pessoa que normalmente é acessada pelos membros da composição

humana. Ele é o guia do terno nas canções, dança e gestos. Em alguns casos, pode até fornecer orientações de cunho espiritual.

Vale ressaltar, conforme descritos nos relatos dos congadeiros mais velhos, que, há algumas décadas, sequer era permitido às mulheres o direito de atuarem na posição de dançadoras de reinado. Historicamente, a primeira mulher a dançar reinado publicamente, no reinado em Santo Antônio do Monte, foi uma jovem chamada Lukinha, na década de 1970. É provável que sua atuação nas performances dos grupos seja um marco para inspirar as outras que a sucederam. Esse evento é também uma abertura possível para pensar a trajetória das cinco capitãs.

Atualmente, observam-se algumas mudanças na posição de personagens da festa de reinado, que podem ser ocasionadas por diversos fatores. Na região do Serro (MG), por exemplo, “as mulheres participam não só como dançarinas, mas também como lideranças dos grupos, em decorrência de muitos homens, por motivos de doença, bebida, ou velhice, tornarem-se aos poucos incapazes de chefiar seus ternos” (Costa, 2012, p. 143). A autora ainda constatou o acúmulo de funções ou cargos desempenhados por uma mesma mulher.

Como não é comum a presença de mulheres nas funções de comando nos ternos de tradição, não há uma denominação precisa para designar as mulheres nessa posição de chefia. No caso da Serra do Salitre, é raro atribuir à dona Neuza o título de “capitã”, embora seja possível ouvi-la assim denominar-se. Neuza é pensada primeiro como rainha perpétua da festa de São Benedito e depois como comandante do terno ao lado do marido (Costa, 2012, p. 143).

Soares (2009), por seu turno, ao pesquisar a história de mulheres que vivem o reinado em Belo Horizonte (MG), observou, assim como eu, que a participação das mulheres aparece com maior ênfase em atividades desenvolvidas nos bastidores. A autora ainda afirma que “elas sempre estiveram presentes no ritual, mas não aparecem ou aparecem superficialmente nos trabalhos acadêmicos sobre o Congado” (Soares, 2009, p. 40).

No caso das minhas interlocutoras, os motivos que as levaram a criar seus próprios ternos são variados. A capitã Graciele relatou ter sido incentivada pelo pai capitão, que alegava não saber lidar com o crescente número de dançadoras do terno. Outras, como é o caso da capitã Tida, tiveram suas primeiras experiências em congadas atuando simultaneamente na função de dançadora e cuidadora das crianças brincantes. Há, ainda, o caso de dona Aparecida, tia da capitã Graciele, que desde jovem desejava dançar reinado, mas nunca teve oportunidade. Por muitos anos, assumiu a posição coadjuvante dando apoio ao irmão, capitão Nego, mas sempre atuando nos bastidores. Mas, segundo ela confessou, todos esses anos sonhou em ter sua própria congada.

Hoje, a congadeira e sua filha, Viviane, comandam sua própria congada. A trajetória da capitã Janaína no reinado não difere das outras congadeiras no quesito convivência e saberes tradicionais herdados de familiares congadeiros. A inspiração maior veio de seu avô que a levava, quando criança, para assistir às apresentações das congadas no galpão da irmandade. O ex-congadeiro foi dançador do terno de moçambique Nossa Senhora do Rosário, do ex-capitão Otaviano Piriá, hoje liderado pelo neto, João Paulo.

Ela também atribui seu interesse pelo reinado o fato de ter residido no centro da cidade, próximo ao galpão (onde funciona a sede da irmandade), quando acompanhava de perto todo o movimento durante os festejos. Tal proximidade com as festividades demonstra que a capitã cresceu convivendo com congadeiros, portanto, socializada em meio à festa, o que permite pensar na existência de um processo de sucessão familiar como pano de fundo. Embora a jovem capitã convivesse com parentes dançadores e devotos desde a fase de criança, é somente na fase adulta que começa a dançar reinado.

Quando eu me aproximei mesmo e tive vontade de dançar, foi quando conheci o meu marido, já moça. Minha mãe foi pagar uma promessa de café [oferecer café para os dançadores], e a congada dele é que foi pra lá [Congada Jovem Santa Lúcia]. Então eu já tinha vontade, mas nunca tive aquela ambição. Aí, a gente começou a namorar, e eu comecei a dançar na congada dele. Eu dancei uns três ou quatro anos, depois eu dancei um ano na congada de Zé Alexandre. No ano seguinte, em 2003, foi formada a nossa congada As meninas do Rosário (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

As primeiras aproximações das outras duas capitãs com o reinado foram semelhantes. Elas tiveram, no meio familiar, suas primeiras experiências seja dançando, seja apenas acompanhando os pais, que geralmente eram capitães de congadas. De acordo com Gracielle, que comanda a congada As filhas de Maria, sua relação no contexto da festa se deu quando ainda era criança. “Eu nasci no reinado, desde pequena eu dançava reinado na congada de meu pai, a congada do ‘Nego’, que tem mais de 30 anos. Foi onde surgiu minha paixão pelo reinado, que estou até hoje” (Capitã Graciele, informação verbal, julho/2017). Acrescentou, ainda, que o incentivo para formar sua própria congada veio de seu pai, conforme observa-se abaixo:

Na verdade, foi ideia de meu pai. Havia muitas mulheres na congada dele, e ele resolver montar uma congada de mulheres para eu tomar conta. Na época, em 2004, eu tinha 15 para 16 anos e achava que não ia dar conta. Quando iniciou tinha de 55 a 60 meninas, e hoje está com 114 dançadoras. Sim, tem homens também que tocam os instrumentos, as caixas, a sanfona, a cuíca e o reco-reco,

e tem um capitão também que me ajuda, mas a congada é minha (Capitã Graciele, informação verbal, julho/2017).

Observa-se no discurso da capitã e também nos relatos apresentados por Soares (2009), que a figura do pai e capitão é central na trajetória das mulheres congadeiras, seja proibindo-as, seja incentivando-as a seguirem no brinquedo, como é o caso da capitã Gracielle.

A capitã Tida, antes de se tornar líder de grupo, dançou em várias congadas da cidade. Teve o próprio pai como exemplo, com qual pegou gosto pelo reinado. Em algumas, inclusive, atuou como fiscal de crianças, já que é comum a presença de crianças de ambos os sexos nas congadas. Segundo os organizadores do reinado, é uma maneira de incentivá-las a se tornarem dançadores na fase adulta. A trajetória da congadeira, que iniciou no brinquedo com a incumbência de cuidar dos pequenos, é relatada da seguinte maneira:

Toda vida eu gostei de dançar, aqui meu pai dançava. A gente sempre ficava pedindo pra dançar. Eu tinha 12 anos quando comecei dançar reinado com meu pai no terno de Luiz Carolino. Depois fiquei 4 anos na congada do Jorge, em seguida fui pra congada do Pontinele durante 10 anos, onde conheci e comecei a namorar o meu ex-marido, pais dos meus filhos. Hoje ele é capitão da congada do Josué, juntamente com meu cunhado André. Agora Nossa Senhora concedeu esta graça, que pedi pra formar esta congada há 3 anos. Ano passado, em 2016, Nossa Senhora do Rosário tocou no Dinho [Presidente da Diretoria da Irmandade] e ele me ligou, dando a confiança de ter a congada (Capitã Tida, informação verbal, julho/2017).

Assim como constatou Costa (2012) que a composição de ternos de congadas liderados por mulheres é uma prática recente, é possível verificar também essa situação no meu contexto de pesquisa. As falas das capitãs congadeiras acima evidenciam essa mudança no contexto do reinado, especificamente no que tange às relações de gênero.

## A SAGA DE SER CAPITÃ DE CONGADA

A escolha do terno saga é antes de tudo para evidenciar o sentido de trabalho ofertado durante o reinado, pois era comum ouvir dos reinadeiros e reinadeiras e também de devotos a frase: “trabalhamos para Nossa Senhora”. Na verdade, brincar reinado, seja atuando diretamente nas congadas seja na cozinha ou em outras formas de vivenciar a festa, exige sacrifícios, muitas vezes, apresentados na forma de esforço físico. Segundo Hubert e Mauss (2015), no contexto religioso, o sacrifício permite ao indivíduo atingir um estágio de graça ou ausência de pecado. Para exercerem a função de capitã de congada, conquista que veio por meio de lutas, as capitãs necessitam conciliar as novas funções relacionadas

à organização de seus grupos como mobilização e recrutamento de dançadoras, escolha das músicas e coreografias, participação nas reuniões da irmandade etc., com outras atividades desempenhadas no dia a dia relacionadas ao cuidado com a casa, a família e o trabalho remunerado. O fato de conseguir administrar tarefas de naturezas distintas e, ainda, agradar a santa dançando reinado, pode ser entendido como sacrifício, principal moeda de troca capaz de interligar o mundo terreno e o mundo celestial habitado pelos santos reinadeiros.

Outras tantas formas de agradar aos santos no reinado por meio do sacrifício podem ser constatadas na resistência física dos dançadores e dançadoras que, durante os dias de festejos, percorrem longas distâncias pela cidade, sob o sol a pino; quando sacrificam seu patrimônio financeiro oferecendo uma quantia destinada ao patrocínio dos banquetes; e quando doam trabalho se voluntariando nos afazeres da cozinha do reinado. Certamente, o sacrifício está presente em todos os meandros da festa, até mesmo quando as capitãs são questionadas sobre sua competência profissional para comandar seus grupos. Na realidade, as reprovações e desconfianças recebidas são produto das relações de poder, consequentemente pelo fato de estarem atuando em posição de destaque. A seguir, destaco alguns depoimentos de capitãs, que ilustram as tensões existentes no reinado, quando envolve as relações de poder entre homens e mulheres, isto é, entre capitães e capitãs.

De acordo com a capitã Janaína, as mulheres, ao assumirem o posto de liderança de congada, enfrentam mais resistência que os homens, talvez por eles não estarem familiarizados com a presença de mulheres nesse cargo. “Nos primeiros anos a gente foi mais vigiada, não sei se por acharem que a gente queria mandar, ou se é por pensar que a mulher é inferior, não sei te falar” (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017). A capitã Gracielle, por sua vez, também pensa que há tratamentos diferenciados para homens e mulheres, em certos espaços do reinado, embora sejam sutis. O interessante é que, conforme observou Soares (2009, p. 42), “embora muitas guardas de congadas tenham sido fundadas por mulheres, elas não podiam exercer as funções que tradicionalmente cabiam aos homens.”

Em referência ao modo como os homens e alguns segmentos da comunidade local as percebe, Barbieri (1992, p. 2) reforça que “a subordinação que afeta todas as mulheres é uma questão de poder. E que esse poder não aparece apenas em forma de autoridade, mas através de sentimentos nobres de afeto, ternura e amor”. Isso remete à dimensão simbólica das relações de poder que se estabelecem não apenas entre os sexos nos diversos campos das vivências, mas entre as relações de classe, raça etc., e que Bourdieu (1989) denomina de poder simbólico. Para o autor, trata-se de um “o poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem do mundo social” (Bourdieu, 1989, p. 9). Ou seja, um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem.

As capitãs atribuem a desconfiança dos congadeiros, de alguns integrantes da irmandade e da comunidade ao simples fato de serem mulheres e por ocuparem um espaço tradicionalmente assumido por homens.

Às vezes a gente percebe. Falam que a congada de mulher é lenta, que a gente não vai dar contar, se a gente sabe cantar bem. No início teve alguma coisa sim, porque as congadas femininas são mais recentes e olhavam com desconfiança. Mas hoje em dia melhorou muito (Capitã Gracielle, informação verbal, julho/2017.).

As duas situações apresentadas ilustram sobre o que é ser mulher ocupando posição de liderança na congada. Percebe-se que a condição de ser mulher sempre será o motivo que as tornarão inferiores na visão dos homens, que não aceitam dividir com elas os mesmos espaços na estrutura do reinado. E que, para tentar transformar tal postura, elas precisam constantemente provar sua competência. Uma das formas encontradas pelas capitãs para evitar a vigilância é inibir suas dançadoras de se dispersarem do grupo e, em hipótese alguma, fazer uso de bebida alcoólica enquanto estiverem realizando as visitas às residências dos devotos. Postura contrária foi constatada por mim durante o período que acompanhei um terno de congada liderada por homem. Nas andanças pelas ruas, a caminho das visitas a devotos, era comum observar que alguns dançadores entravam em bares a fim de consumir bebidas, sem nenhum constrangimento de ser interpelado pelo capitão.

Ao analisar os estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, observei que a preocupação (controle) mais recorrente dos antigos diretores da entidade no contexto do reinado estava relacionada à manutenção de uma conduta moral cristã a ser seguida pelos capitães de congadas. A manutenção da disciplina, para evitar situações vexatórias provocadas pelo excessivo consumo de bebidas alcoólicas nas atividades de rua, é recorrente na história do reinado na cidade<sup>4</sup>. O termo manutenção da ordem aparece com frequência nos escritos. De acordo com Silva (2014, p. 146), compete ao capitão e a capitã, “à observação da disciplina e à organização coletiva do grupo”.

Entretanto, os discursos de algumas capitãs demonstram que a vigilância dos fiscais de rua da irmandade sobre elas, durante a festa de reinado, é mais intensa que a exercida sobre os capitães. Por sermos mulheres, a cobrança é maior, ressalta as capitãs. Situações semelhantes, por vezes mais tensas, são descritas por Soares (2009), a partir de depoimentos de suas interlocutoras. Segundo a autora, uma das congadas lideradas por mulheres teve que enfrentar inúmeros embates com grupos liderados por homens para existir, o que se traduz como uma resistência política.

Às lideranças de grupos recém-criados, homens e mulheres, que estão em regime probatório de dois anos, ou seja, são impostas algumas regras a serem seguidas, caso contrário, serão penalizadas. Durante esse

período, é cobrado o cumprimento de todas as visitas a devotos e membros da corte, impostas pela diretoria da irmandade nos dias de reinado, não faltar às reuniões ordinárias e extraordinárias da irmandade, não frequentar bares e não consumir bebidas alcóolicas. São ações, algumas de cunho moral, que põem à prova a capacidade comando das lideranças de grupos, por exemplo, e que, em alguns casos, as cobranças são mais incisivas com as mulheres.

A capitã Tida, que durante a entrevista estava sob a observação da irmandade, por ter assumido o posto a menos de um ano, também disse enfrentar não apenas as desconfianças de pessoas da cidade, mas que também precisou se impor diante alguns comentários maldosos de integrantes de outras congadas, cujo objetivo era desqualificá-la. “Tive que falar com muita gente, com o pessoal de outras congadas que achavam que a gente ia atrapalhar. O reinado é bom, é religioso, mas tem muita gente má” (Capitã Tida, informação verbal, julho/2017). Sua fala remete à contribuição do pensamento de Scott (1996, p. 12), quando afirma “que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado”.

Uma situação abordada pela capitã Janaína, que contribui para acentuar as desigualdades de classe, gênero e raça, diz respeito ao acúmulo de funções que são impostas às mulheres no espaço doméstico e que, por sua vez, não as permitem e/ou dificultam que elas desempenhem outras atividades no espaço público, como dançar reinado.

A grande dificuldade por ser mulher congadeira é que quando ela cresce, namora, casa e tem filhos, vem os afazeres de casa. A gente perde muitas dançadoras por causa disso. Diferente do homem que não tem outros compromissos além do trabalho, a mulher tem de cuidar dos filhos, da casa, do marido... Não vemos as meninas que cresceram na congada continuarem nela quando se tornam adultas. Quando adultas muitas desistem, são poucas as que ficam. Quando você pensa que a congada está formada, estabilizada, uma delas se casa, a outra engravida, e outras deixam de brincar por causa dos maridos ou porque não tem mais tempo (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

O fato de muitas brincantes não terem com quem deixar suas crianças no período do reinado, sendo obrigadas a conduzi-las consigo nas congadas que participam, pode ser um dos fatores que propicia desde cedo nos pequenos e pequenas o gosto pela festa. Muitas dançadoras que são mães se utilizam das redes de solidariedade para participar dos festejos. As capitãs afirmaram que é comum a busca de apoio de familiares, amigas e vizinhas para auxiliarem no cuidado com as crianças e também no cuidado com a casa, enquanto elas estão se dedicando ao reinado. É importante ressaltar que o fato de terem dançado o dia e parte da noite, não as exime das responsabilidades domésticas. Pois, após o término das obrigações festivas diárias, ao retornarem as suas residências, elas

precisam deixar os afazeres domésticos em ordem para participarem da festa no dia seguinte. Em todos as congadas, há participação de crianças, porém observei que, nos grupos comandados por mulheres, a quantidade da presença delas é significativamente maior que nos ternos liderados por homens.

Ao contrário do que se imagina, a grande questão, no caso das capitãs, não está no fato de se tratar de uma atividade tradicionalmente marcada pela presença homens nos cargos de liderança. Obviamente que isso também se coloca como um desafio a ser enfrentado por elas. O maior obstáculo está nas cobranças que recai sobre as mulheres, tanto no âmbito do espaço público (capitãs de terno), onde elas precisam se desdobrar para mostrar que são capazes, como também no espaço privado, *locus* dos afazeres domésticos. “A única diferença [entre capitã e capitão], é que a gente fica mais cansada, pois além de brincar no reinado, quando chega em casa tem as tarefas domésticas para fazer, como eu que tenho filho e marido” (Capitã Janaína, informação verbal, Julho/2017). A capitã Tida, que concilia o trabalho na fábrica de foguete<sup>5</sup> com os afazeres de mãe e esposa, também reconhece que a mulher reinadeira é mais sacrificada que o homem.

As cobranças impostas às mulheres capitãs são constantes e parecem não ter fim. Segundo elas, chegar ao cargo não foi difícil, difícil mesmo é se manter, tendo que conciliar várias funções como ser mãe, dona de casa, esposa, operária etc. “A capitã mulher tem mais responsabilidades, pois além do serviço de casa, tem que ser boa no que faz fora de casa. O pai de meus filhos, por exemplo, vai desancar ou vai para um bar” (Capitã Tita, informação verbal, julho/2017). O mesmo sentimento é compartilhado por uma outra capitã que tem a sensação de que nunca está apta para agradar a comunidade, há sempre alguém para colocar defeito na sua atuação enquanto líder de grupo. Assim, desabafou ela,

Eu acho que a gente ainda precisa mostrar, eu acho que eles ainda não acreditam na gente não. Por exemplo, nós percebemos que somos observadas a todo o momento. Graças a Deus recebemos muitos elogios, mas têm pessoas que falam mal. Não sei porque sentem tão incomodados com a gente (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

Com base nos depoimentos das entrevistadas, presume-se que, ao ocupar o posto de capitã, por mais que a mulher se dedique, haverá sempre quem ponha defeito ou aponte os erros. De acordo com Bourdieu (2012, p. 34) isso acontece porque “as regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres, assinalando-lhes lugares inferiores”. Aprender a lidar com as desconfianças e cobranças do grupo onde estão inseridas, impondo-se e reafirmando para elas e também para os outros, que são dignas de exercerem atividades inerentes ao cargo de capitã, é uma luta constante das mulheres que ocupam e se mantêm na mesma função que

os homens. Com um detalhe: eles não precisam provar que são capazes, pois são naturalmente aptos a serem conduzidos ao posto. No caso das mulheres, a todo momento elas necessitam justificar sua capacidade de atuação.

As pessoas ainda ficam surpresas quando vê um terno comandado por uma mulher. Isso a gente nota até em cidades de fora. Até que lá em Araújo<sup>6</sup> pediram pra gente ajudar eles a formarem uma, mas não sei se desistiram, não entraram mais em contato (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

A desconfiança que paira sobre a capacidade da mulher, no exercício de capitã no espaço público, algumas vezes, adquire nuances pejorativas. A mulher congadeira, mesmo que seja para homenagear aos santos, andar pelas ruas dançando, pode ser vista por algumas pessoas, inclusive por outras mulheres, como desocupadas. Pensam alguns: “ao invés de estarem na rua deveriam estar em casa cuidando dos afazeres do lar”, afirmou a capitã Janaína. Observar a mulher fora do lugar naturalmente delegado a ela pelas estruturas do patriarcado será sempre um incômodo para os homens e motivo de impor cada vez mais seu poder. Tal condição produz e reproduz algumas das justificativas que constantemente questionam a capacidade das mulheres ocuparem determinadas posições no reinado. Para Salem (1981), nesse sentido, a mulher é vista em relação ao homem sempre de uma posição de subordinação e inferioridade.

Embora alguns olhares sejam direcionados para vigiar e punir os corpos e as condutas das mulheres, no sentido foucaultiano, elas se articulam em redes, umas com as outras, no cuidado com os filhos e afazeres domésticos a fim de garantir a participação daquelas que querem dançar reinado. Conforme observei no discurso de uma capitã, caso tenha alguma dançadora com filho pequeno e que não tenha com quem deixá-lo em casa, para garantir sua participação no terno, as integrantes da congada se revezam nos cuidados com a criança. Durante os dias de reinado, que o grupo precisa cumprir vários compromissos sugeridos pela irmandade, disse a capitã Tida que “a mãe leva a criança para a congada, e a gente cuida, dar carrinho, dar a mamadeira, troca de fraldas” (Informação verbal, julho/2017).

Outras funções não menos importantes e que agregam outras mulheres da cidade ao reinado diz respeito aos temas trabalho e renda. Os festejos de reinado são responsáveis por movimentar pequenos empreendimentos liderados por mulheres. Na época da festa, as costureiras são demandadas para confeccionar as fardas de congadeiros e congadeiras. As quitandeiras, mulheres que produzem pães de queijo, broas de milho, doces e salgados, também recebem encomendas de cafés da manhã e tarde servidos aos integrantes das congadas durante as visitas aos devotos. Observa-se que a participação das mulheres vai para além dos postos de atuação diretamente relacionados com o reinado. Elas movimentam a economia local atuando

como costureiras, maquiadoras, quitandeiras etc., pois como diz a capitã Janaína, “aquece muito a economia local. Pra ter uma ideia este ano a costureira vai cobrar 90,00 reais só pra fazer a farda. Dá um lucro muito bom” (Informação verbal, julho/2017).

Atualmente, as mulheres, além de assumirem os mesmos postos de lideranças que os homens, contribuindo para uma abertura diversa com menos desigualdade no reinado, contribuem significativamente com a economia local por meio de pequenos negócios. Elas ainda são responsáveis por aguçar o gosto das crianças pelas congadas, pois, por não ter com quem deixá-las em casa, as conduzem consigo durante as apresentações nos dias de festas. No tocante à vitalidade da festa, esse tipo de ação é crucial para garantir manutenção do reinado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especificamente no que tange à presença de mulheres na liderança de congadas, percebe-se que não se trata de uma posição naturalizada, como é para os capitães homens. Para elas, ao contrário do que ocorre com os homens, chegar ao posto de capitã não é suficiente, carece de um processo de lutas que requer provar constantemente sua capacidade de atuação. O enfretamento de desconfianças, julgamentos e comentários depreciativos são alguns dos obstáculos enfrentados por elas para se manterem no cargo. Além de assumirem função para além daquelas que já possuem (como é o caso do cargo de capitã), precisam mostrar que são capazes de seguir uma moral cristã condizente com as regras impostas pela irmandade. Embora algumas mulheres tenham ganhado espaço e posição de destaque, no contexto da festa de reinado, sua participação como capitã ganha contornos mais pesados que se apresentam para os homens. Isso porque elas exercem outras atividades extrareinado, que se tornam paralelas, como é o caso do cuidado com a casa e com os filhos.

Um ponto que me chamou atenção na fala de uma das capitãs foi a alta rotatividade que ocorrem entre as dançadoras. Geralmente, enquanto elas estão solteiras e sem filhos, participam ativamente dos compromissos das congadas, situação que muda quando se casam. Os relatos da ex-capitã de congada Neiva, cujo grupo fora formado apenas por mulheres, ilustram bem a questão. Ela conta que dançou congada quando criança e adolescente, porém quando se casou, em 1989, abandonou o grupo. Seu retorno se deu três anos depois, após ter o primeiro filho. Na ocasião, já o levou junto para participar da festa.

Trata-se de mulheres jovens, mães, e que desempenham uma jornada de trabalho diversificada e intensa, fora e dentro das estruturas do reinado. Trabalham fora, cuidam da família e dos afazeres domésticos e, ainda, da organização das congadas que lideram. Duas delas, por exemplo, são operária e servidora pública municipal. Além disso, todas elas possuem

em comum trajetórias marcadas por influências de familiares homens com longa tradição de envolvimento nos festejos de reinado.

Nesse sentido, saberes referentes à congada, ou seja, cantigas, danças e devoção aos santos padroeiros, são aprendidos e internalizados com base nas vivências estabelecidas com os parentes, envolvidos com os festejos. A dinâmica do ensino-aprendizagem realiza-se, na maioria das vezes, com ênfase na observação cotidiana, o que significa aprender saber-fazer. Um caso curioso que presenciei no comportamento das crianças durante as apresentações das congadas foi o fato de algumas acompanharem atentamente os passos de dança dos integrantes mais experientes, com o intuito de reproduzi-los.

O cuidado mobilizado por meio de redes de solidariedade entre mulheres capitãs é crucial para perceber como elas se organizam, criam e recriam novas formas de participação no festejo. Algumas delas, para se dedicar e cumprir as obrigações impostas pela irmandade, contam com a ajuda de parentes e vizinhas, que cuidam dos filhos menores no período festivo. Outras, por não terem com quem deixar as crianças, são obrigadas a conduzir as crianças durante as apresentações das congadas. Mesmo assim elas contam com o cuidado compartilhado por outras congadeiras.

As congadas de Santo Antônio do Monte historicamente são marcadas pela presença de homens no comando do grupo. Contudo, é interessante observar que as mulheres como liderança estão, pouco a pouco, assumindo um lugar de destaque, contribuindo para tornar o reinado mais diverso e, conseqüentemente, mais incluyente. Ou seja, hoje, há espaço para mulheres dançadoras e bandeireiras, rainhas, para aquelas que escolheram atuar na cozinha do reinado, na produção de fardas, enfeitando os andores e bandeiras dos santos, e por último, lugar para as congadeiras mais audaciosas que gradativamente estão ocupando posições de destaques até então permitidas apenas aos homens, como é o caso do posto de capitã.

As transformações ocorridas ao longo dos tempos são visíveis na festa de reinado da cidade. Alguns fatores podem estar relacionados como a expansão urbana, o falecimento de afamados capitães de congadas e as adequações/supressões realizadas pela própria irmandade, responsável pela organização e realização do festejo. Porém, conforme discuti no decorrer do artigo, é provável que a transformação, de cunho qualitativo, mais significativa seja a conquista das mulheres para ocuparem os cargos de lideranças de grupos de congadas. São mudanças ocorridas gradativamente no núcleo da festa que corroeram as estruturas enrijecidas do reinado, dando lugar e visibilidade a novos atores, no caso, as capitãs de grupo. As lutas e conquistas das atuais líderes de congadas, além de contribuírem para uma maior igualdade entre homens e mulheres no contexto da festa, servem também de inspiração para outras mulheres dançadoras ou não, que estão subjugadas ao sistema opressor do patriarcado. As capitãs de congadas são a prova de que o lugar da mulher no reinado é onde ela quiser, seja na cozinha, seja ocupando posição de destaque no espaço público.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Neuza de Farias. Diferentes definições de poder e dominação: repercussão na participação política envolvendo relações de gênero. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORA, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS*, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278086119\\_ARQUIVO\\_ARTIGOREVISAODOC\[1\].pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278086119_ARQUIVO_ARTIGOREVISAODOC[1].pdf). Acesso em: 08 nov. 2022.

BARBIERI, Teresita. Sobre a Categoria Gênero: Uma introdução teórico-metodológica sobre as diferenças. **Revista Interamericana de Sociologia**, [s. l.], ano VI, n. 2-3, mai./dez., 1992.

BENTO, Éles Pereira de Souza. Uma vida entre caixas, tamborim e apito: a história de um capitão na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão. *In: CARMO, Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues (Orgs.). As congadas de Catalão: as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária*. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2008. p. 159-191.

BORGES, Eloisa. **Os devotos do Rosário**: devoção e promessa na Festa do Rosário de

Santo Antônio do Monte. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada**: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário. Curitiba: Appris, 2012.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. Juiz de Fora: Ministério da Cultura/EDUFJF, 1988.

GONZALÉZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções, diálogos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>. Acesso em: 15 ago. 2022.

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. *In: MAUSS, Marcel. Ensaios de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 141-227.

LEONEL, Guilherme Guimar. **Entre a cruz e os tambores**: conflitos e tensões nas Festas do Reinado (Divinópolis - MG). 2009. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MG), Belo Horizonte, 2009. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais\\_LeonelGG\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_LeonelGG_1.pdf). Acesso em: 11 abr. 2021.

NEVES, Talita Viana. **Congados, capitães e curadores: males, proteção e práticas de cura em Itapecerica** – MG. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15822>. Acesso em: 15 set. 2022.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo**. Recife: S.O.S Corpo. 1993.

SALEM, Tania. Com a venda nos olhos. In: FRANCHELLO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SANTOS, Francimário Vito dos. **A economia das festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia: um estudo comparativo em Santo Antônio do Monte e Araújos (MG)**. 2020. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. 3. ed. Recife: S.O.S Corpo, 1996.

SILVA, Rubens Alves da. Em nome da mãe: tradição e performance na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte. In: PEREZ, Léa Freitas (Org.). **Variações sobre o Reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria**. Porto Alegre: Ed. Medianiz, 2014. p. 145-161.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Memória afro-brasileira: imaginário, cotidiano e poder**. São Paulo: Sammus/Selo Negro, 2007.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria (s): Mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte (MG)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

SOARES, Dalva Maria. **Muita religião, seu moço!** Os caminhos de uma congadeira. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016.

VIANA, Talita; RIOS, Sebastião. **Na Angola tem: Moçambique do Tonho Pretinho**. Tubarão: Copiart; Faculdade de Ciências Sociais/ UFG, 2016.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

**Submetido em:** 12/08/2019

**Aprovado em:** 17/07/2020

**Francimário Vito dos Santos**

*francimariovitos@gmail.com*

Antropólogo do Iphan/MT. Doutor em Ciências Sociais - PUC Minas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7039-0900>

## NOTAS

- <sup>1</sup> Este artigo é inspirado na tese de doutorado denominada A economia das festas de reinado de Nossa senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia: um estudo comparativo em Santo Antônio do Monte e Araújos (MG), defendida em 2020, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
- <sup>2</sup> Em 2022, quando retornei à cidade para apresentar os resultados da tese aos reinadeiros, dois dos irmãos, Geraldo e Otaviano, estavam impossibilitados de brincar reinado em decorrência de problemas de saúde. Fíim, o irmão mais jovem dos três, continuava dançando na Congada do Tostão.
- <sup>3</sup> O tamborim é um instrumento de percussão das congadas com formato retangular, revestido de couro de boi. É utilizado principalmente pelos capitães e capitãs que, com o auxílio de uma baqueta, emitem sinais sonoros de comando para os/as integrantes do grupo.
- <sup>4</sup> Em 2018, a irmandade em comum acordo com a Pastoral da Sobriedade, resolveu retirar a garrafa de pinga que tradicionalmente era oferecida aos capitães durante os almoços e jantares de reinado, evitando, assim, que os dançadores excedam os ânimos. Para alguns congadeiros, a proibição da bebida deixa o festejo mais pobre em termos de diversidade, já que é um rito que faz parte da tradição da festa.
- <sup>5</sup> Santo Antônio do Monte é o maior polo de produção de fogos de artifícios do Brasil e o segundo maior do mundo. Uma parcela expressiva da mão de obra usada nesta atividade é composta por mulheres, muitas delas congadeiras.
- <sup>6</sup> A festa de reinado de Araújos foi introduzida por congadeiros santo-antonienses, na década de 1930, e até hoje é um espaço profícuo de trocas entre congadeiros e congadeiras dos dois festejos.